

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Maria Margareth Campos Nogueira

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

São Paulo/SP

2022

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Kelen Gracielle Magri Ferreira da Etec Carlos de Campos

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Elaboração do roteiro da pesquisa: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Local da entrevista: São Paulo (online)

Data: 30 de julho de 2022

Técnico de gravação: Não se aplica

Duração: 67 minutos e 34 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Número de páginas: 34

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada para o programa “História Oral na Educação” do Centro Paula Souza, no projeto “Memórias do trabalho docente” para o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, para compor material para uma exposição virtual sobre a linha sucessória de diretores e para o artigo: “De Escola Profissional Feminina a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos: suas diretoras entre 1993 e 2004”, com a entrevistada Maria Margareth Campos Nogueira, por esta ter atuado como diretora da Etec Carlos de Campos. Site da exposição virtual:

<https://kelenmagri.wixsite.com/diretorescaca>. Após a entrevista Maria Margareth Campos Nogueira forneceu a entrevistadora os dois documentos a seguir: - Carta de Despedida da Etec Carlos de Campos e Carta ao ex-ministro Paulo Renato.

À COMUNIDADE DO CACÁ

AMIGOS,

Não é um adeus, daqueles que deixa implícito que não nos veremos jamais, ou que tudo se acabou. É um até breve. Um momento de reflexão interna.

Na natureza cada estação traz momentos de alegrias e tristezas. Cabe a nós percebermos os ensinamentos dos movimentos da vida. Esta me obriga, neste momento, a seguir outro caminho, mas com certeza onde eu estiver sempre estarei com a cabeça e o coração no Cacá, pois esta escola faz parte da minha história.

Nós acertamos, vacilamos, erramos, nos empolgamos, esmorecemos, brigamos. Isto é parte do processo de quem faz, de quem ousa. E com certeza fomos ousados, e toda ousadia é passível de equívocos, mas o fundamental é reavaliar, reconsiderar, refletir, e nós soubemos fazer esta reflexão.

Vou agora aguardar os novos caminhos da vida, não de uma forma passiva, mas atuando numa nova escola. Quem tem compromisso com a transformação, jamais deixa de ocupar o seu espaço.


E nessa nova atuação está implícito a parceria com a comunidade do Cacá, de onde estiver eu vou tentar colaborar com idéias e ações que levem o projeto da nossa escola para o sucesso.

Eu estou indo e espero que as sementes plantadas nas mentes e corações durante nossa convivência produzam os frutos que todos esperamos.

*"Nós somos aquilo que pensamos.
Tudo o que somos nasce dos nossos pensamentos.
Com o nosso pensamento, construímos o mundo.
Fale ou aja com uma mente impura,
e os problemas o seguirão
como a carroça que segue a parelha de bois.*

*Nós somos aquilo que pensamos.
Tudo o que somos nasce dos nossos pensamentos.
Com o nosso pensamento, construímos o mundo.
Fale ou aja com uma mente pura
e a felicidade o seguirá
como uma sombra, inabalável".*

Dhammapada


Maria Margareth Campos Nogueira
Maio/98

**O MINISTRO PAULO RENATO,
A REFORMA DO ENSINO...
E A SOCIEDADE?**

O acirramento da internacionalização da economia, motivada pela crescente mobilidade do capital, riscando os limites geográficos, respondendo à necessidade do sistema capitalista em manter o processo de reprodução e acumulação.

As empresas transnacionais investem, além de suas fronteiras de origem, na busca da otimização de sua taxa de lucro, seja pela sofisticação tecnológica, seja pelo emprego de mão-de-obra barata, seja ainda, pelas facilidades oferecidas pelos diferentes governos.

O capital financeiro, ávido por vantagens, se faz presente nos mercados, onde a fragilidade de políticas econômicas tornou a especulação fonte de transferência de parte considerável dos produtos nacionais.

Embora não tutelassem diretamente seus "gigantes", países, cujas economias se mantiveram estáveis - no contexto da guerra fria - beneficiaram-se mediante mecanismos protecionistas. Pode-se considerar, dessa forma, a formação de blocos como uma de suas consequências.

Nesse cenário observa-se o avanço da tecnologia de ponta, tornando obsoletos: máquinas, processos de produção e sistemas de serviços, inviabilizando empresas e setores, que se mantiveram à margem desse processo. O elemento humano torna-se cada vez mais descartável e simultaneamente ao crescimento populacional, estreitam-se as oportunidades de melhoria de condições de vida para a grande parcela.

O Brasil, país gigante "deitado eternamente em berço esplêndido ... , onde, em se plantando, tudo dá ...", deve-se adequar às mudanças "globalizantes", segundo o discurso oficial, ou "perderá o trem da História".

Assim, a modernização estaria condicionada à:

- a) entrada de produtos estrangeiros;
- b) abertura irrestrita para o capital internacional;
- c) desregulamentação das relações trabalhistas;
- d) restrição dos direitos previdenciários;
- e) redução da carga fiscal;
- f) privatização de empresas e serviços públicos;
- g) restrição à gratuidade no ensino público;
- h) garantia de conclusão do 1º grau "a todas as nossas crianças";
- i) garantia de conclusão do 2º grau "a todos os nossos jovens";
- j) "ampliação de ofertas de oportunidades de profissionalização e permanente atualização de jovens e adultos".

A implementação dessas medidas, seja através de revisão constitucional ou por atos do Executivo, estão em curso, independentemente de reações contrárias. No que se refere à mudança de rumos exigida para "evolução do nosso sistema educacional" tivemos a sanção da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - lei 9394

de 20 /12 / 96. e sua regulamentação no tópico do Ensino Técnico e Profissionalizante -decreto 2208 de 17/ 04/ 97.

Nesse decreto, merecem destaque alguns pontos:

- educação profissional de nível básico, independentemente de escolaridade, destinada a qualquer pessoa;
- cursos técnicos pós-médio;
- cursos modulares;
- formação plena após a conclusão de módulos;
- possibilidade de cursar o ensino médio regular concomitantemente à formação técnica;
- cursos tecnológicos de terceiro grau.

Numa primeira leitura, o exame do conjunto nos permite:

- inferir que se reconhece a precariedade das condições sociais e culturais da grande maioria da população, economicamente ativa.;

- observar que o Governo desvincula o preparo de trabalhadores de sua escolaridade, treinando-os, desobrigando-se de uma alfabetização concomitante;

- afirmar que, ao incluir no texto do Decreto modalidade de educação não formal, o governo avaliza todo e qualquer curso, também em instituições que tenham recursos e repasses da União;

- verificar a desvinculação da formação de Nível Técnico do Ensino Médio, ainda que possam ser concomitantes, fragmentando o conhecimento.

- constatar a imposição de sistemas modulares nas instituições públicas.

A percepção, por parte dos setores interessados na educação profissional e técnica, da reorientação acenada pelo governo, antes mesmo da edição das normas legais, levou-os a manifestarem sua discordância quanto a diversos aspectos antevistos.

O ministro da Educação, Paulo Renato, tenta responder aos questionamentos da comunidade em geral e, particularmente da estudantil, através do artigo publicado no dia 17/04/97, na coluna "Espaço Aberto" do jornal O Estado de São Paulo.

Nele, aponta a preocupação com relação ao acesso à escolarização ampla a todos no contexto da necessidade de inserção do país no processo da globalização.

Desclassificando os argumentos presentes nos questionamentos, o ministro deixa implícita a substituição dos princípios filosóficos da Educação pelos de natureza sociológica, a partir da nova L D B e de sua regulamentação, tanto pelo governo federal quanto pelos estaduais. Esse sociologismo pretende justificar a necessidade da formação, da qualificação, da requalificação para inserção no mercado de trabalho, de forma imediata para fazer frente às transformações em andamento no planeta.

Contudo, em um país onde o governo é ágil nas palavras porém lento na implementação de ações, concretas e imediatas no que se refere aos reclamos da sociedade, questiona-se:

- será possível assegurar a educação básica de qualidade a todos e a possibilidade de conclusão com os atuais investimentos?

- como desvincular o insucesso escolar da realidade social, política e econômica?
- como aceitar a qualificação mínima para o trabalho de iletrados sem alfabetizá-los simultaneamente, elevando-os à condição de cidadãos? (vide "Pedagogia do Oprimido"- Paulo Freire)
- como aceitar a formação profissional dissociada do amplo mundo do conhecimento, preocupação humana universal?
- como viabilizar novas propostas sem regime de trabalho e salários condizentes para os profissionais da educação?

Dada a importância do projeto apontado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, consideramos que a reforma educacional não se dará de forma a atender aos anseios da população, se não forem respeitados aspectos relevantes, como:

- 1 - possibilidade de manutenção e ampliação de todas as formas de ação educativa;
- 2 - não destruição das possibilidades elencadas pelo próprio ministro, no seu artigo, qualificadas como excelentes (cursos técnicos do sistema federal e estadual);
- 3 - autonomia das unidades para construir seus projetos buscando excelência em qualidade e significativo alcance social;
- 4 - autonomia das unidades para estabelecer convênios com instituições públicas e privadas na implementação de seus projetos;
- 5 - transformação das escolas técnicas de nível médio e superior em pólos de permanente pesquisa de desenvolvimento tecnológico;
- 6 - transformação das unidades de nível médio em unidades orçamentárias.

Providências outras, exteriores ao âmbito das instituições educacionais, porém com reflexos nelas, também são necessárias, tais como:

- a - estabelecimento de dispositivo legal tornando obrigatória a atuação, enquanto técnico, no mercado por um período não inferior a 50% da duração do curso regular integrado;
- b - faculdade de contratação de estagiários por parte das microempresas;
- c - incentivos a projetos pilotos permitindo a criação de núcleos de desenvolvimento;
- d - reforma tributária que vise à atuação plena de estados e municípios.

Concluimos que, não obstante os discursos oficiais sobre a urgência do Brasil em se "afirmar no próximo século como nação próspera, soberana e, sobretudo, justo socialmente", as medidas em curso mantêm a estratificação social e econômica, o que coloca a urgência da Nação em ser ouvida.

ASSINATURAS:

- ETE Carlos de Campos
- Comissão de Direitos Humanos - OAB /
Presidente: Dra. Jairo Fonseca
- Coordenadora do Fórum Municipal da Educação da Cidade de São Paulo
Dra. Giulia Piero
- Diretora do NTC / PUC
Dra. Maria Stella Giaccone
- Educadores das Escolas Técnicas de São Paulo
- Profa. da Fundação de Santo André
Profa. Sônia Maria Portella Cruppa
- Faculdade de Educação da USP
Lizete Regina Arelaro
- Profa. do Colégio Santa Cruz
Profa. Álvaro Cesar Geransant
- ANDE / Associação Nacional de Educação
- Diretor Rubens Barbosa de Camargo

~~tel. p/ contato 2270286~~
Margareta

com manifestações em frente
ao Centro Paula Souza.
Todo o local pertence
+ algumas escolas
Eu fui a única diretora presente

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 18 de novembro a 04 de dezembro de 2022

Nome da transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Kelen Gracielle Magri Ferreira (KGMF): Boa tarde! Meu nome é Kelen Gracielle Magri Ferreira. A agradeço a você Maria Margareth por estar cedendo essa entrevista, hoje que é 30 de julho de 2022, aqui em São Paulo, de maneira online, para o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em São Paulo, e que será difundida no Programa “História Oral da Educação” do Centro Paula Souza. Eu gostaria de iniciar com a seguinte questão, eu gostaria de solicitar que relate um pouco a sua vida pessoal, a onde nasceu, a formação profissional, incentivos da família. Como como que tudo começou?

Maria Margareth Campos Nogueira (MMCN): Nasci... Eu que agradeço a oportunidade de deixar um relato (...) meu querido Cacá, que é o querido Cacá de todos os alunos porque ele marcou nossas vidas (...) a nossa escola e que a gente permanece ligado a ela para sempre. Minha origem é uma origem humilde. Sou filha de operário, meu pai era operário, minha mãe também. Ele proveniente do Nordeste e minha mãe de Minas, nascida de europeus, vieram para o Brasil, trabalhavam na lavoura. Depois veio para São Paulo, trabalhou na Matarazzo, fábrica. E meu pai naquela época veio de trem, demorou 7 dias para chegar em São Paulo, imagina. E “esquentava lata” aqui numa igreja que ele conseguiu um lugarzinho para ficar junto com o irmão dele para ajudar a mãe que morava lá no Nordeste. Se conheceram (...) (só um minutinho que gato e cachorro brigando aqui)

KGMF: Sem problemas.

MMCN: Bom, eu nasci no hospital do Brás, morava na época no Jardim Brasil, que era um bairro que só tinha umas 3 casas e uma Vacaria. Eu tive problemas no parto porque não tinha hospital, não tinha nada, assim depois do horário, bem depois. Era para eu nascer de manhã, nasci a noite correndo risco de vida, eu e minha mãe. Mas estamos aí, minha mãe está viva ainda e meu pai faleceu faz alguns anos. Meu pai e minha mãe sempre incentivaram os estudos. Eles não tiveram a oportunidade de prosseguir na escola, mas a minha mãe estudou até o terceiro ano primário na fazenda, mas foi ela que me alfabetizou. Quando eu entrei na escola com 6 anos eu já estava alfabetizada. Meu pai fez cursos aqui à noite e, também, era alfabetizado. Ele trabalhava na... trabalhou em vários lugares como entregador de leite, etc.

e depois ele trabalhou na Filizola. E entrou como ajudante geral e terminou lá com o encarregado da cromeação, que preparava todas as químicas e o engenheiro passava de 3 em 3 meses. Então quer dizer ele era muito inteligente, se tivesse tido a oportunidade de estudar também seria um engenheiro químico.

KGMF: Olha, com certeza!

MMCN: Eles sempre incentivavam meu estudo, dos meus irmãos. Minha mãe, para você ter uma ideia, ela não deixava... ela não pegava dinheiro da caixa nem cadernos da escola nada para me ajudar. Ela fazia na sua máquina de costura os meus próprios cadernos com papel que o vizinho, que trabalhava numa fábrica e as sobras de papel eles davam para os funcionários e a minha mãe fazia com as folhas pautadas e as folhas desenhadas, que era para papel de presente, ela fazia as capas dos cadernos costuradas na máquina.

KGMF: Olha, um super trabalho.

MMCN: Eu achava assim, meus cadernos mais lindos. Eles eram diferentes e a minha mãe que fez. Então para você ver que eles incentivavam. Sou da época da admissão. Tive que prestar exame de admissão para continuar, a partir do quinto ano, que antigamente era do quinto ao oitavo ano, e quem não passa por exame de admissão não ficava na escola pública. Então os alunos de escola pública eram assim os mais inteligentes, e os mais esforçados. E eu sempre consegui ficar na escola pública. Terminando oitavo ano minha mãe queria que eu fizesse Magistério, porque ela achava que eu tinha que ser professora. E eu falava que não ia ser professora por nada desse mundo, eu não tinha paciência para lidar com aluno, com o filho de ninguém. Aí eu prestei vestibulinho, vestibular na época para uma escola chamada Horácio Augusto da Silveira, que era uma escola que era na Vila Maria, ainda é na Vila Maria, Escola do Estado, era estadual. Depois com o passar do tempo todas viraram Escolas Técnicas Estaduais, mas na época lá era estadual. Eu prestei para o curso de Decoração, porque eu achava que decoradora ganhava muito dinheiro, trabalhando só com gente rica. E eu ia fazer meus projetos, ia trabalhar a hora que eu quisesse, o dia que eu quisesse, ia ter tempo para estudar e para pagar meus livros. Porque eu queria fazer Medicina, ia fazer Obstetrícia, mas eu estudei um ano nessa escola durante o dia, nessa escola na Vila Maria, normalmente estudavam os alunos que tinham uma condição financeira muito boa, conseguiam entrar nas Escolas Técnicas Estaduais. E já existia ali uma discriminação por classe social, os professores também parece que tinham um pouquinho, alguns professores, tipo professor Mesquita que eu não sei se está vivo até hoje, era um professor de química.

professor de matemática, que eu sinceramente, eu rezei o ano inteirinho, do começo ao final do ano para ele nunca me chamar na lousa. Porque quem ia para a lousa e errasse alguma coisa passava vergonha.

KGMF: É mesmo.

MMCN: É. Então eu fiquei de recuperação, estudando em janeiro. Fui na editora com a minha amiga, falamos que a gente foi lá porque o professor pediu para pegar o livro do professor para ele, enrolamos o cara. Ele deu o vidro do professor para a gente. E então a gente rachou de estudar com o livro do professor. Aí fizemos a prova, passamos tal, e nós 2 pedimos transferência para o Carlos de Campos. Só que ela foi para um curso, eu fui para outro curso.

KGMF: Isso no meio do Ensino Técnico, não é?

MMCN: Foi, é isso mesmo. O técnico, no primeiro ano eu fiz no Horácio Augusto da Silveira. No segundo ano eu consegui transferência para o Carlos de Campos, para o noturno, porque eu também precisava trabalhar. Aí eu comecei a trabalhar durante o dia e estudar a noite. Quando eu cheguei no Carlos de Campos eu me senti assim com a alma renovada, porque o tratamento era diferente com os alunos. Existia assim um acolhimento, um incentivo por parte dos professores. Existiam muitos cursos, então era uma diversidade de pessoas, de personalidade. Você via a sociedade ali. Eu acho que o Carlos de Campos, eu acho não, tenho certeza, ele abriu as portas do mundo uma menina de periferia, que não tinha acesso a nada e ali eu tive acesso a um mundo diferente, a oportunidades, a poder me abrir. Era muito tímida e ali eu consegui me abrir para vida.

KGMF: Você achou uma diferença então do Carlos de Campos em relação ao próprio Horácio Augusto da Silveira. Ali já tinha uma diferença entre as escolas mesmo, não é?

MMCN: Completamente diferente no sentido de acolhimento. Por isso que eu digo que o Cacá é o Cacá. O Cacá é eterno, entendeu? Não sei se existe uma outra escola como Cacá.

KGMF: Eu acredito que não. (risos)

MMCN: Nós somos abençoados, tivemos a oportunidade estar aí nesse espaço. Até o espaço físico, que você olha e tem história por todos os lugares, não é?

KGMF: É verdade.

MMCN: Tem o histórico também da mulher que começou a estudar por interesses, claro do capitalismo, mas que por esse motivo abriram as portas da Escola. Na época com a Economia Doméstica, com aprender a costurar, cozinhar etc. mas elas foram trabalhar, não é? Nas fábricas.

KGMF: Mas abriram as portas para as mulheres poderem também ter alguma vez ali no mercado que seja.

MMCN: É, foi um jeito assim pela necessidade do capitalismo, mas a gente tem a honra e nós enquanto mulheres termos estudado na Primeira Escola Feminina da América Latina. E que está aí graças a Deus tombada pelo Patrimônio Histórico. Então aí eu consegui, eu cursei, fiz meu curso e quando eu estava no terceiro ano a minha professora, minha coordenadora de curso, que era Ana Gleci, ela me... quase me “obrigou” a dar a dar algumas aulas aí no Carlos de Campos. Eu falei que eu não queria ser professora, que eu queria ser médica, e que eu ia sair do Carlos de Campos, ia fazer um ano de cursinho, ia prestar medicina. Mas ela já no segundo ano, já me encaminhou para estágios, eu fui fazer estágio na Oca Móveis presidenciais na Rua Augusta, que era mais projetos e, também, na Objeto. E aí eu vi que o mundo que eu sonhava, que eu imaginava, que eu ia ser uma decoradora, ia ganhar muito dinheiro, não era bem assim. Isso aí é para alguns, para alguns que tem um encaminhamento. Eu já acho que hoje tenho com Carlos de Campos há, sei lá, anos atrás já fez esse trabalho, realmente introduzir no mercado e as pessoas ter mais oportunidade. Naquela época não era tanto assim, a década de 70 e pouco quando eu cursei a escola. Ai terminando acho que 79 não era assim, era bem diferente. E a Ana Gleici que era nossa coordenadora, ela fazia o impossível para ajudar, o impossível. Mas não é diferente das possibilidades que existem e que foram sendo desenvolvidas. Aí eu acabei concordando em dar umas aulas e aí ela já me convenceu que eu tinha que fazer uma faculdade na área. Aí eu falei que eu não queria, mas ela falou que era tão jovem ainda, que eu fazer faculdade ia ser bom para o meu currículo, para minha vida cultural.

KGMF: Ela te incentivou a permanecer na área, não é?

MMCN: É, aí eu prestei vestibular na Belas-Artes, era último dia de inscrição quando ela me disse e passei no vestibular. Aí o problema era que eu era menor, então na época o diretor era o professor Babá, que era um japonês. Ele junto com a Ana Gleci, tiveram que pedir

autorização para a diretoria... para a delegacia de ensino para eu trabalhar em caráter excepcional como menor e sem curso superior.

KGMF: Eles estavam precisando mesmo de professores então, não é? Estavam convocando até alunas ali que ainda estava se formando no ensino técnico, não é?

MMCN: Aí consegui. Eu tenho até hoje guardada aqui a minha autorização para dar aula naquela: menores sem curso superior, mas aí já estava entrando na faculdade, então já tinha um documento que estava entrando na área. Aproveitando isso para fazer uma parte não sei se você está acompanhando a mudança modificação do Ensino Médio. O governo fez uma modificação agora por envolver ensino médio e colocou disciplinas que ele nem tem professores universitários para dar aula. Não tem. Então tentando eles estão pegando qualquer aluno que sai de Ensino Técnico para dar essas aulas, entendeu? E para contratar, que na verdade tudo isso na jogada para privatização porque não tem professor, não tem professor para dar as aulas. Eles colocaram disciplinas que não existem professor nem sequer concursado.

KGMF: Nossa, no ensino no ensino médio mesmo ou alguns ensinos técnicos?

MMCN: Não, é o Novo Ensino Médio. Esse novo ensino médio do governo está demonstrando toda hora na televisão como eu trabalho ainda na rede Municipal de Ensino, sou professora da rede municipal, tem vários professores lá da rede estadual e que estão... que as escolas estão vivenciando este grande problema: não tem professor. Então eles abriram assim para quem quiser e ter qualquer uma daquelas disciplinas lá no currículo de Ensino Técnico alguma coisa para suprir o mercado, entendeu?

KGMF: Nossa, porque tem tanta restrição principalmente no técnico, assim, depois de tanta restrição e agora eles tão abrindo realmente para quem não tem a formação mesmo do superior nessas disciplinas?

MMCN: E muito menos o Magistério, não é?

KGMF: Muito menos! E nossa, o ruim vai ser a qualidade desse ensino.

MMCN: É, você já imaginou a qualidade? Quer dizer na verdade tudo uma jogada que está por trás de estudar que é: como eu não tem professor, não tem... Eles estão contratando... é

contrato temporário, não é isso? Isso daí descaracteriza totalmente a carreira. Então o pessoal vai pra entrar sem carreira, como a prefeitura agora também quem está entrando agora nunca mais vai se aposentar na vida e estão tentando cortar todos os direitos da carreira. Que é uma luta nossa, não é? Uma luta de muitos anos. Então voltando lá para o Carlos de Campos...

KGMF: Você continua dando aula então? É professora do Ensino Municipal, é isso?

MMCN: É.

KGMF: Para ensino médio?

MMCN: Não, eu trabalho do primeiro ao nono ano.

KGMF: Nossa, está bom! Ah, legal e na área de artes mesmo?

MMCN: Artes. É porque Artes tem uma aula no fundamental 1. Uma aula por semana e no fundamental 2 tem 2 aulas por semana. Então para você formar uma jornada básica de aulas você tem que dar aula para escola inteira, entendeu?

KGMF: Entendi, acaba suprimindo a escola toda ali, não é?

MMCN: É e você trabalha com a escola inteira e você mal conhece os alunos, não é? Porque uma aula por semana é complicada. Bom, daí eu continuei trabalhando no Carlos de Campos por um tempo depois eu comecei a trabalhar no Estado em Escolas Estaduais, na Prefeitura e no particular. No estado eu prestei concurso. Depois da greve do Mário Covas o governador Mário Covas, de 3 meses, nós voltamos sem nenhum centavo. E fizemos uma exposição dos “miserites” para os pais verem. Aí é a gente teve que repor inclusive janeiro, fevereiro e depois que terminou a reposição, eu pedi exoneração. Eu falei: não, eu não vou ficar aqui, que isso aqui não tem futuro! Estado não ter futuro e tal. E a continuei só com 13 anos de Estado que eu tinha, deixei lá parado e fui para a escola, fiquei na Prefeitura como comissionada. Comissionada é alguém que não tem concurso, não existia concurso para Arte. E trabalhei em escola particular tipo Sion.

KGMF: Sim conheço.

MMCN: Trabalhei numa escola de... supletivo também na Vila Maria então escolas diversificadas. Com o passar do tempo surgiu... Também, também trabalhei em Banco Mercantil de São Paulo.

KGMF: Nossa, foi bancária também? (risos)

MMCN: Aham, para garantir aí o salário.

KGMF: Acaba que o professor acaba se virando até em outras profissões ali às vezes, não é, na jornada? Não tem jeito.

MMCN: Aí com o passar do tempo eu prestei concurso para a entrar na gestão Erundina. E pela primeira vez fiz concurso para a área de Arte, aí quem não passasse no concurso ia ser dispensado. Fiquei desesperada, não é? Aí estudei pra caramba, passei assim entre os 100 primeiros, escolhendo o lado da minha casa. E fiquei com 2 cargos na mesma escola a 3 km da minha casa. Na escola que eu já era comissionada, escolhi lá mesmo. Porque lá era uma escola o conjunto dos bancários aqui e a gente fazia um trabalho lá apesar de não ter “genfe”, de não ter... “genfe” é um horário que, que foi implantado depois na gestão Erundina, mas antes disso a gente não tinha esses horários. Eu tinha só hora atividade. Nessa escola existia um grupo de professores muito bom e a gente criava uns projetos interdisciplinares sem saber que eram “interdisciplinares”, entendeu?

KGMF: Entendi.

MMCN: Então, por exemplo eu estava trabalhando com folclore, dança, teatro, fazia dança e teatro da escola inteira. Eles apresentavam para o final de ano. Todos os professores se envolviam naquilo. O professor de ciências e envolvia lá com os chás, pesquisa, professor de Geografia pedia maquete, história, educação física ajudava nas danças, nos ensaios. E a gente visitava as casas, andava no bairro. Que Paulo Freire colocou depois como a escola livre e feliz, a gente fazia, a gente já!

KGMF: Já fazia! E já ficava a interdisciplinaridade ali.

MMCN: E por uma coisa absurda... A nossa diretora era a Sônia Conte Lopes!

KGMF: Olha! (risos)

MMCN: Que que era a mulher do Conte Lopes, que um cara que é totalmente reacionário e ela é a pessoa mais democrática que eu já conheci na minha vida. Porque ela participava de tudo junto com a gente, ela liberava tudo o que outros iriam pedir autorização. Eu saía da escola com os alunos atravessava..., você que conhece o bairro, atravessava a avenida Parada Pinto e eles faziam pintura em tela dentro daquela parte do osso lá porque tinha um buraco na cerca e a gente passava pelo buraco, entendeu? Eles levavam cavalete naquela época que não tinha essa coisa toda de APM, de não sei o quê. Cada aluno contribui espontaneamente com 1 (um) real no começo do ano. E eu ela autorizou e eu utilizava todo o espaço do prédio anexo, a parte de baixo, reformei uma sala gigante, cabiam 2 salas de Artes, que tinha bancada, tinha na época TV, vídeo. Tinha um cavalete para cada aluno, a gente desmonta as bancadas, para trabalhar com expressão corporal.

KGMF: Superestrutura, não?

MMCN: Superestrutura com aquele 1 real e as excursões para o playcenter.

KGMF: Playcenter, olha! Tinha como desenvolver então vários trabalhos fora da classe? Trabalhos mais diferenciados lá nessa escola?

MMCN: É, lá nessa escola, a minha classe era lá fora, no prédio anexo. Então os alunos eles quando a gente ficava lá tinha disponibilidade para tirar a bancada, fechar cavalete, deitar no chão, colchonete, tinha tudo. E quando queria sair da escola também a diretora lá era ela: “Não, tudo bem”. A gente saía, a gente andava na rua com os alunos, entendeu? Não dava, um trabalho que que hoje uma escola quando faz isso.... Não, a gente fazia naquela época. Para encerrar a história dessa escola, eram normalmente 5 oitavas séries por ano que se formavam. A gente viajava com eles para um acampamento em Serra Negra e ficava 5 dias no acampamento. Quem não tinha dinheiro para pagar, ia do mesmo jeito porque todos os trabalhos que a gente fazia de excursões, essas festas de folclore, de não sei o que... também os pais vinham traziam doce, vendiam doce, arrecadava para a formatura e a formatura era para levar todo mundo, pagar o ônibus e pagar o acampamento. E o acampamento também tinha que dar (...) para quem não podia. Ai todo mundo iam eu e mais o professor de educação física, de matemática, de português, iam 5 professores. A gente dividia: ala feminina para baixo, ala masculina para cima. E a gente dormia no meio de guarda... (risos)

KGMF: Gente, super interagia bastante com os alunos e gostoso os alunos deviam gostar bastante, não é? Tinha bastante atividade.

MMCN: Até hoje eu encontro os alunos aqui, que moram aqui próximo. Eu moro aqui no Mandaqui e até hoje eu encontro meus ex-alunos formados, com filhos já moços, não é? (falha na gravação) ... acho que marca para eles esse tipo de atividade maluca. Aí não é em qualquer escola. Então Essa escola chama-se Comandante Gastão Moutinho. E aí um dia lá na sala dos professores, eu vi que tinha concurso para o Centro Paula Souza e fui olhar se o Carlos de Campos também ia participar e ia. Daí fiquei gritando “Ai gente, Carlos de Campos eu vou participar desse concurso! Eu preciso dar para essa escola pelo menos um pouquinho do que ela me deu na vida!” E, também tinha concurso de coordenador pedagógico e diretor, daí eu prestei concursos lá, passei no do Carlos de Campos que era mais assim: prestava já era pra assumir logo.

KGMF: Era concurso para a direção já? Já era o concursada da direção?

MMCN: É, mas aí eu já tinha feito o concurso de professor, já era efetiva, já tinha passado uns anos, tá? Estou acelerando...

KGMF: Não, sem problemas...

MMCN: Estou acelerando para entender.

KGMF: É isso mesmo. A ideia era ver a trajetória e a gente entrar mesmo no momento aí que você entrou na Carlos de Campos como aí como aluna, depois como professora, e agora através de concurso... (como diretora)

MMCN: É história é comecei como aluna, depois como professora, 10 anos depois como diretora. Aí como foi o processo de direção? Foi o concurso, prova objetiva, prova escrita, depois tinha que escolher uma escola ou várias para concorrer. Eu escolhi o Carlos de Campos só. Tinham 23 candidatos, a gente podia fazer campanha. Aí quando eu cheguei na escola, encontrei o professor Jaime, que tinha sido meu professor de física e que era o responsável pelo processo dentro da escola. Aí ele fez assim: “Margarete, eu não te conheço, não te conheço, não te conheço!”.

KGMF: Ele estava responsável pelo processo, então.

MMCN: Aí ele ficou: “Eu não te conheço, não posso falar com você, só um depois que acabar tudo isso porque você é candidata”. E ele era uma pessoa assim mesmo, nossa, extremamente sério. Aí eles bolaram lá todo o processo. Houve debate, eu falo que é debate presidencial. (risos)

KGMF: É quase isso, é quase isso que a gente tem impressão. Tem o debate entre os candidatos a direção.

MMCN: Eram 23 candidatos, auditório lotado. Tinha representantes de todos os cursos, professores e pais. E aí é eles tinham já preparado as questões. Aí cada um respondia lá uma questão, mas não era a mesma, mudava a questão. E depois pelas respostas, acho que eles divulgavam para os alunos, porque eu auditório ainda não comporta a escola inteira, mas via representantes. Aí eles divulgaram lá, tal e a minha campanha foi: “Gestão democrática ex-aluna do Cacá”.

KGMF: Ah, olha, isso já chama bem atenção, né?

MMCN: Aí eu coloquei uma folha de sulfite, escrevi vários para vários pedacinhos da folha de sulfite, recortei tudo... xeroquei não sei quantas lá e cortei tudo e fiz panfletagem na escola junto com Marcos Ganzele, que era um amigo, que tinha trabalhado comigo. Ah, antes disso eu trabalhei na gestão Erundina, na Diretoria de Ensino Jaçanã/ Tremembé e a gente fez um processo também de gestão participativa. Fui convidada para trabalhar, fiquei pensando um mês se eu ia e fui. Foi um processo de doutorado, assim...

KGMF: É? Teve muita experiência ali?

MMCN: Muita experiência e muito sofrimento também, viu? Porque eu lembro que o meu cabelo até caía assim, caía de tanto estressada que eu fiquei. Porque não era brincadeira você sair de um regime autoritário, de diretores, não todos, mas assim que se achavam donos da escola para um processo e tentativa de democracia dentro da escola. Onde pai tinha direito de falar, aluno tinha direito, professor tinha direito. A nossa tentativa era tentar efetivar um Conselho de Escola forte e para isso a gente tinha grupo de formação de pais, onde a gente reunia os pais das escolas próximas em tal lugar, eles iam como representantes do Conselho. Participava da formação – o que era orçamento? como que é a lei, como que não sei o quê. E depois os processos de orçamento da cidade a gente levava por microrregião, nosso caso

aqui era ali na Zaki Narchi a Secretaria do Abastecimento, aonde os pais iam e a gente... Claro, pais e diretor, alguém responsável pela escola, mas tinha que ter o pai junto também. Eles enviam o processo da região como estava. Então se tinha uma escola na Dutra, no parque Novo Mundo, que estava caindo e a outra escola que o Gastão Moutinho, estava com problema na quadra, vamos cobrir a quadra? Então eles vão: Olha, vamos analisar, que a verba é essa, nós temos isso que dá para fazer. Acabava se votando ali num consenso de orçamento junto com as escolas.

KGMF: Socorria a que estava precisando mais?

MMCN: É, com aquela verba pequena que tinha naquele momento. Então um processo de construção de cidadania e de rotação e participa... de um orçamento participativo de verdade, não é?

KGMF: Então você já vinha quando fez a proposta lá no Cacá da Gestão Participativa já vinha ali atuando como... numa gestão participativa, é isso?

MMCN: Então, esse aprendizado foi nessa época da gestão Erundina.

KGMF: Tá legal.

MMCN: E a gente também fazia aqui assim as parcerias com todos as secretarias do entorno. Então saúde, educação, cultura, esportes... “Vamos ver o que que tem na região, todo mundo se reúne uma vez por mês, vê o que falta, um ajuda o outro”. “Vamos fazer isso pra ajudar a Secretaria de Cultura”, “Ah, não dá pra fazer, não tem um teatro funcionando”. “Como que a gente consegue?” Porque não tinha subsídio, se você lembrar o processo do governo quando Erundina chegou, estava abandonado tudo isso. Então assim para colocar tudo para funcionar é poucos e quando a gente conseguiu quase andar... Porque foi pela primeira vez que a gente também conseguiu colocar uma carreira dentro do magistério, onde o professor tinha 30 horas de trabalho, sendo que ele tinha 10 horas semanais para estudar, sendo 8 na escola e 2 em casa. Que é o que estão tentando tirar hoje. Tanto que para a carreira do magistério foi implantado lá trás na gestão Erundina. E aí essa minha... quando eu falei; “Vou voltar pra lá, eu vou tentar dar tudo o que eu puder de mim para o Carlos de Campos, porque sem ele eu não sei o que teria sido de mim.” Eu saí lá de uma condição de cultura zero, de periferia, muito periferia, até hoje o Jardim Brasil é periferia, naquela época então... Então ele abriu as portas

para mim, a escola abriu as portas oportunizando tudo o que você puder imaginar. Claro que a gente tem que ir atrás, não é? Não pode ficar...

KGMF: Sim, vai muito da pessoa também, não é? Tem isso, tem a pessoa também buscar isso, não é? Buscar essas oportunidades.

MMCN: Bom, aí eu já tinha me conscientizado que eu estava trabalhando no poder público e que eu estava fazendo na minha parte, que eu deveria..., que eu pensei em fazer lá na área da medicina e fiquei feliz. Não sou uma profissional frustrada, sou profissional realizada, dentro da educação. Aí eu pude fazer, tentei fazer tudo o que foi possível, ainda tento fazer, ainda estou na área, não é? Bom aí voltei, aí comecei a desenvolver o projeto no Carlos de Campos, fui eleita lá entre 23 candidatas. Me deu um frio na barriga, um medo quando eu olhei para aquela escola gigantesca. Falei: “Meu Deus será que eu vou conseguir?”.

KGMF: Foi uma gestão ali depois da Eliane Andreoli, não é para gente registrar aqui situando no tempo mais ou menos. Foi depois ela Eliane Andreoli a sua entrada na Carlos de Campos?

MMCN: É, a Eliane estava saindo, eu estava entrando. Até nas férias eu cheguei a conhecer a Eliane. E ela me deu algumas orientações.

KGMF: Sim, acho que é importante, é importante essa passagem de bastão, não é!

MMCN: É, como funcionava a escola, tal. E aí tinha que assumir, né? Em janeiro, 2 de janeiro, sei lá. Eu tinha que assumir aí que eu fiz? Eu mandei um comunicado lá via Sedex para todo mundo que eu pude. E a Geane estava lá, que era diretora de serviços, a Eliane, que era APE. Eram duas pessoas assim maravilhosa ...

KGMF: A Geane ainda está, a Eliane saiu faz alguns anos.

MMCN: A Eliane virou diretora, não é?

KGMF: A Eliane virou diretora em outra escola. Agora eu esqueci o nome da escola, mas ela é diretora em outra escola sim.

MMCN: Ela é diretora e a Geane diz para dar um beijo para ela.

KGMF: Dou sim encontrando ela. Eu dou sim!

MMCN: A Geane, passa meu Whatsapp para ela, a Geane precisou é uma pessoa assim honesta, honesta e como! Que eu podia ficar tranquila porque nada vinha errado. Porque quem assina tudo é o diretor geral junto com os dois diretores - ATE e o acadêmico. Mas ela era uma pessoa que de cara deu para ver que era uma pessoa muito séria. Às vezes ela fazia assim: "Margareth!" Como quem diz: "Você é doida!". Mas a gente pensava junto para nunca ter nenhum problema. Olha só tenho a agradecer as duas. Aí tinha uns coordenadores que que já estavam na escola e mantive todo mundo. Eu poderia mudar todo mundo, mas eu falei: "gente, eu não vou mudar ninguém porque se vocês estão aqui, vocês foram eleitos". E se vocês foram eleitos e a minha geração democrática eu tenho que aceitar quem foi eleito. E a gente vai vivendo aí, vamos ver no que dá. Aí quando eu mandei esse com esse comunicado, vários... alguns professores vieram, de todos os cursos tinha representante, alguns alunos e os pais também da APM. Aí eu achei que tinha que a mudar a cara da escola para quando o pessoal chegasse à escola estava com uma cara nova. Como eu tinha sido ex-aluna e ex-professora, eu lembro que a minha visão como ex-aluna era de uma escola aberta, que todo mundo se somava maravilhosamente. E quando eu fui professora, eu percebi uma coisa que eu não gostei: que as pessoas ficavam meio assim, no seu curso, numa salinha e que eu nunca vi assim todo mundo junto na sala dos professores. E tinha uma experiência de escola do Estado e da Prefeitura que a gente ficava tudo junto e lá no Cacá não ficava junto.

KGMF: Ah, eram separados os lugares?

MMCN: Não, não eram separados. Não, tinha na escola a sala dos professores, mas, tipo assim, cada um ficava com seu grupo, entendeu? Era mais ficar lá no meu grupo, entendeu? Tinha cafeteirinha lá na minha salinha, tinha não sei o quê, né? Aí eu queria assim, a minha ideia era que todo mundo ficasse junto.

KGMF: Os grupos eram segregados, assim cada um no seu espacinho.

MMCN: É como (...) que parece que era meio segregado. Aí e aquela sala dos professores (...) onde ficava a sala do diretor (?) eu acho que eu acho que tinha que ficar todo mundo lá. A APE era lá (...) (?) Aí o que eu fiz, chamei um engenheiro lá e perguntei: "Pode derrubar essas paredes?" ... ele falou que pode...

KGMF: As paredes?

MMCN: É, as paredes da salinha.

KGMF: Onde que era esse local? era no prédio novo, não é?

MMCN: (?)... (problemas na gravação)

KGMF: Está cortando um pouquinho, vou ver se volta, está cortando um pouquinho aqui, espera aí. Vamos ver se volta. Agora voltou. Cortou um pouquinho. Você estava falando de romper as paredes lá e da sala dos professores. Você relocou essa sala dos professores ou abriu a parede no prédio novo, é isso?

MMCN: Não, eu tirei as paredes lá das salinhas porque eu achei que também ela dava para ser oficina, outras coisas dos cursos. Ai depois eles podiam definir o que eles queriam. Era para ficar com eles, não tem problema, mas ia ser oficina e sala dos professores. Aí a Sala dos professores lotou, não é? Porque tem gente naquela escola.

KGMF: Tem muito professor também, muito aluno e muito professor.

MMCN: Muito professor naquela salona, aí os professores é começaram a entrar, se encontrar, acho que alguns até se conheceram. Eu não conhecia todo mundo quando eu fiquei, fui professora, eu não conhecia todo mundo. Mesmo porque eu não ficava tanto tempo assim na escola. Mas aí foi um ano de brigas, discussões. Arquiteto com médico, com enfermeiro, com engenheiro...

KGMF: É uma miscelânea.

MMCN: Nutricionista, tem de tudo... Então assim, porque era assim: as nutricionistas a gente brincava, aquelas que andavam com colar de pérola e saltinho, as enfermeiras todas de branco, os de desenho, os doidos, as decoradoras as metidinhas. Cada um para nós, quando a gente era aluno, cada um para nós... A gente olhava aquele mundo assim. E aí teve que misturar todo mundo, juntos. Esse mundo todo aí e foi muito bom.

KGMF: Você fez uma miscelânea ali entre os professores.

MMCN: É, aí de vez em quando eu tinha que conversar com eles. Não tomava nenhuma atitude, nem quando era uma atitude assim, que não dava tempo de reunir em reunião, eu ia

lá: “Gente, gente – Todo mundo falando... Aí eu subi a mesa – “Está acontecendo um novo negócio assim e eu preciso da opinião de vocês”. E aí o pessoal olhava, assim: “Tá”... discutindo com o Moacyr de Edificações que era super sério, não sei se ele tá na escola.

KGMF: Mathias? Não, não está mais não...

MMCN: Moacyr...

KGMF: Ah, Moacyr, sim. Está lá firme. Já até foi meu parceiro, dei algumas aulas lá com ele.

MMCN: Fala para ele que mandei um grande beijo.

KGMF: Ah, vou falar sim. Vou falar, ele eu encontro bastante, toda terça-feira encontro. Mando, um beijo para ele.

MMCN: É, que é edificações, olha a gente! ... intenção de todo mundo. Mas, aí com nossas divergências a gente acabava chegando a um consenso, e fomos uma demanda da escola de forma democrática, mas sempre juntos. Porque eu acho que ninguém consegue administrar uma escola sozinho, tem que ser junto, entendeu? Tem que ser uma construção coletiva mesmo que a gente erre, erre e erre. Mas decidiu, vai todo mundo junto, porque depois que deu errado: “Ah, foi fulano”. Não, não foi fulano, nós decidimos juntos. Eu fui voto vencido. Eu fui muitas vezes voto vencido, mas se eu fui voto vencido eu tenho que concordar com o que aconteceu, eu tenho que ir junto. E depois não ficar falando: “Tá vendo, eu não falei nada, eu fui voto vencido.”

KGMF: Sim. vestia a camisa junto com todo mundo, não é?

MMCN: Então isso é gestão democrática e foi assim que foi toda gestão. Tá, para tudo o que acontecia na escola, os pais tinham que participar, os alunos tinham que participar, os professores e eu nunca tomei nenhuma decisão sozinha. E muitas vezes a gente saía da escola e, na sexta-feira, ia lá para a praça do Pari, ali perto da igreja tinha uma esfiraria.

KGMF: Ah, ainda vamos às vezes. (risos) Ali em EDI às vezes vamos.

MMCN: A gente ficava nas esfiaria conversando, continuava a escola lá na esfiaria. E quantas vezes eu cheguei na minha casa 5 horas da manhã de ficar. Porque fechava as esfiaria, a gente sentava na calçada e continuava falando sobre a escola, entendeu?

KGMF: Era assunto pra caramba, né?

MMCN: Assim era amor era amor, amor, amor, que desse tudo certo pra caramba, entendeu?

KGMF: E qual foi o seu maior desafio, professora, nessa jornada? Mais enquanto diretora ali, né? O que teve de desafio que você lembra que foi ...

MMCN: Alguns desafios. Não vou lembrar todos, né?

KGMF: Não, o que você lembra assim quando eu perguntei o que veio mais na cabeça, mais rápido assim. De repente foi maior.

MMCN: Todo dia eu ia rezando, né? “Ah, Deus me dê sabedoria, Senhor, me dê sabedoria, Senhor me dê a sabedoria”. Todos os dias eu assim: “meu Deus me deu sabedoria para não fazer nada errado, Senhor, me dê sabedoria para tomar qualquer atitude”. Os alunos me colocaram em xeque várias vezes. Claro que estes alunos sempre... Aluno é sempre motivado por professor, aluno não vai sozinho. Tem sempre alguém por trás. É sempre uma ideia por trás, né? Mas foi bom porque eles colocaram aqueles desejos e aí isso veio à tona de uma forma via aluno. Poderia ter sido via professor, mas veio via aluno. E aí quando eu não dava atenção: “Ah esses alunos também, esses professores também...” eu liguei ignorava e eles faziam umas passeatas pela Escola. Nariz de palhaço, sabe?

KGMF: Protestavam mesmo então?

MMCN: É! “Gestão Participativa” na plaquinha, nariz de palhaço e ficavam marchando ali na frente da minha sala, ali no corredor.

KGMF: Olha, olha só! Lutando pelo que queriam, não é?

MMCN: Aí, “Tá bom, gente! Então tá! Então vamos para sala aqui, vamos conversar com um só e a gente marca.” Aí marcava a reunião com eles, com representantes e a gente sempre a discutir, sempre tinha professor junto. Sempre tinha coordenador junto. Os meus

coordenadores eram... eles defendiam muito os cursos. Cada um defendia muito seu curso e a gente tinha que chegar naqueles consensos também, do que a prioridade agora, do que não é. Eles batalhavam também para conseguir tudo verba, estágio tudo. Nutrição, por exemplo, a Tuca era a coordenadora do curso. Ela se matava para conseguir que aquele refeitório rendesse algum dinheirinho, mas ao mesmo tempo dava almoço digno para os alunos, que podiam comprar o almoço lá. Eles que não podiam pagar. Também dava um jeito. A Wilma com o pessoal de Edificações, o Nilton a Márcia. Gente, o pessoal...

KGMF: Era muito firme, né? E muitos alguns saíram faz pouco tempo, mas muitos ainda estão lá!

MMCN: É, e por trás assim, cada grupo, eles são muito unidos, não é. Então cada área, cada grupo de cada curso, são muito unidos. Então, na verdade quando o coordenador trazia alguma coisa, é claro que ele já trazia a opinião do grupo dele.

KGMF: Tá, já tinha conversado com o grupo antes?

MMCN: É, sempre do curso. A gente tinha reunião semanal porque “encheu o saco” também, mas não tinha jeito porque lá no Núcleo de Ação Educativa na gestão Erundina eu aprendi que aquelas reuniões insuportáveis que eu tinha toda semana, de dia inteiro... Mas é onde que todos os setores da Diretoria de Ensino traziam todos os problemas, entendeu? E aí a gente discutia coletivamente o que fazer. Porque também era uma era uma tentativa de gestão coletiva em todos os aspectos, nunca tinha acontecido! E aí a gente discutia, brigava, depois saía de lá e vestia uma camisa. “Tá, esta decisão vamos tomar todo mundo”. Que era o mesmo que foi o mesmo que eu fiz lá no Cacá. E eles querendo ou não tinha que ter reunião, tinha que ter, nada... sabe? Não pode, se acontecer uma... na hora da reunião, tem que ter reunião! E aí tudo em reunião com os representantes de curso. Aí eu tinha reunião com os representantes de curso. Depois representantes de sala para fazer por exemplo: eles reclamavam que o professor tinha quatro aulas com aquela classe, e professor demorava meia hora para chegar na classe. Então eles saíam da classe e iam passear e ficavam lá no pátio. Aí o professor chegava lá e falava “Não tem aluno na classe, vou colocar falta para todo mundo.” “Veja, eu não sei o que fazer. O aluno falar que vocês demoram para chegar na sala e vocês falam que o aluno não está na sala. Então eu vou conversar com os alunos, vamos ver o que é a proposta deles.” A proposta vai nesse caso, exemplo, proposta dos alunos: “A gente espera 10 minutos, se o professor não conseguir chegar a gente sai da sala, professora,

e aí a gente não leva falta na outra. Ele só volta na próxima, tudo bem?”. Daí fiz assinar: acho que dá para ir, 10 minutos acho que dá para sair do prédio chegar no outro. (risos)

KGMF: É grande, mas também...

MMCN: Daí partir daquele dia... Daí avisamos: “Olha, a partir de hoje vai ser assim.” Alguns não gostaram, mas era uma decisão, era um pedido dos alunos.

KGMF: Era um pedido de todos e aí o professor acatava?

MMCN: Aí o professor levou falta umas vezes... Não que ele levou falta, né? A gente ... (?)... Os alunos saíam da sala, entendeu? Eles esperavam, faltava um minuto...

KGMF: Eles estavam marcando certamente...

MMCN: Eram 15 minutos, faltava 13, o professor não chegou, eles já estavam com o pé na porta. Porque eram 4 aulas no dia, então uma (?) gera uma folga. Mas até aí tudo bem. Mas essas coisinhas, entendeu? Que parece que é uma bobagem, mas não é!

KGMF: Não é, é tentar alinhar os as expectativas de todos ali, não é? Muito interessante. Margareth, e o que que foi assim que algo que deixou sua marca ali na Escola? Algo que você acha que “Olha nessa atuação...” foi muito marcante para você e que, e que realmente você acha que fez a diferença ali na escola? Claro você já falou um pouquinho da Gestão Participativa, mas algum ponto que você acha que deixou sua marca na Carlos de Campos?

MMCN: Olha, na escola eu acho que foi a tentativa, não sei se eu consegui, né? Humildemente eu não sei se tudo isso eu consegui, é o meu olhar é um e o das pessoas é outro. Mas humildemente eu creio que consegui transformar os vários grupos num grupo forte.

KGMF: Legal, unificar, não é?

MMCN: Tanto que o pessoal da coordenação se preocupou em fazer... algumas pessoas se preocuparam em fazer Pedagogia para quando eu saísse, prestar o concurso e continuar o processo de Gestão Democrática.

KGMF: Que legal! Foram se aperfeiçoar nesse quesito.

MMCN: É, por exemplo o Nilton ele foi o primeiro que foi fazer. E ele falou: “Quando você sair eu vou prestar o concurso e vou é assumir a direção. Depois a Márcia, a Wilma assume, a Tuca assume. A gente vai assumindo para não deixar nunca mais a Escola sair dessa Gestão Democrática.”

KGMF: Que legal! Já estava fazendo um grupo ali para manter essa linha da Gestão Democrática? Então talvez essa sua bandeira ali tenha sido uma sementinha, não é?

MMCN: É, eu acho que essa foi minha grande bandeira, e para isso eu passei por muitas coisas lá. Então não foi fácil, não, porque a gente é autoritário por natureza. Eu sou autoritária por natureza, eu tive que uma é tive que me reinventar. Mas tudo o que eu fazia eu achava que era pouco ou muito pouco para tudo o que o Carlos de Campos proporcionou na minha vida, entendeu? Aí eu fui brigar lá no Centro Paula Souza várias vezes. Quando o Paulo Renato resolveu mudar o Ensino Técnico a gente fez um documento. Não só já... quando eu falo coordenação, não é só a coordenação. A coordenação representante dos professores... Então tudo o que está na coordenação vem dos professores.

KGMF: Coordenação pedagógica ali, não é?

MMCN: Coordenadores de curso, não é? Os coordenadores de curso, mais no caso da Márcia que era do Núcleo Comum, mais a Geane, a Elaine, todo mundo participava. Então, quer dizer, tudo que a gente decidia não era só da cabeça deles, eles traziam já a cabeça do grupo, certo e eu tinha contato com os alunos também. Eu fazia reunião com os alunos e fazia reunião para fechar as coisas com os professores. A gente fechava, marcava vai, numa reunião bimestral lá no auditório, no sábado que ninguém trabalhava, mas pessoal ia.

KGMF: Ia, tinha interesse em melhorar mesmo.

MMCN: A gente fazia umas festas malucas também de sábado, que os alunos já chegavam às 7, já chegavam alcoolizados já lá fora. Muitas vezes eu fui para o hospital levar aluno embriagado. Aí em coma alcoólico, aí depois, aí para casa já estava em coma alcóolica, aí chamava o pai na segunda-feira para explicar. Enfrentei muitos problemas com alunos envolvidos com drogas. Uma maneira que a gente sabe que não dá para “bater de frente” com ninguém, mas que você tem que aos pouquinhos tentar ir tirando eles da vida que para ele é perigo, não é?

KGMF: Claro, nossa é uma responsabilidade ali também, não é, nesse quesito dos alunos, de cuidar dos alunos.

MMCN: É, aí tinha os góticos, os “não sei o que” e tinha aluno que a gente contou... que eu me lembro de um aluno que a gente fez um horário especial para ele ficar na escola. Que ele dizia que ele tinha que ficar na escola porque ele estudava. Porque ele queria estudar e não tinha outro não tinha laboratório. Aí eu chamei a mãe dele lá, a mãe dele foi, mas ela era novinha fazia... era enfermeira: “Ah, ele não tem mesmo, mas ele não ia para estudar ele queria ficar outras coisas. No fim esse menino ia só nos horários estipulados, a gente está tendo de ele estava, tudo controlado. Depois quando eu saí, o menino não podia estudar à noite, mas quando eu saí um dia ele lá, falou com seu José, que era nosso caseiro. Uma pessoa que quero prestar homenagem aqui a ele, dona Helena, Patrícia, aquela família. Que era uma família...

KGMF: Muito querida...

MMCN: Muito queridos e que eram assim: para mim eles, seu José era meu assistente de direção, entendeu? Ele sabia tudo, tudo o que acontecia e ele já falava: “Margareth, aconteceu isso e isso, vai por aqui, por ali”. Ele dava a opinião dele. Todo mundo dava opinião. Todo mundo, entendeu? E um dia esse menino, foi no dia que ele fez 18 anos, ele pediu para o seu José. Ele saiu para comemorar aniversário e tal, e ele saiu, só que ele saiu encheu a cara de droga, pulou o muro ali e morreu de frente com o trem.

KGMF: Ah, caramba...

MMCN: E aí a gente tinha lá na escola todos os documentos arquivados naquele... se você entrar lá na sala da direção, você tem ainda um cofre antigo, um cofre gigante, de ferro...

KGMF: Não me lembro... de ter reparado pelo menos.

MMCN: Mas tem ou tinha. Eu e a Márcia, a Márcia era do grupo comum também, a gente fez todo uma documentação. Essa mulher assinou toda a responsabilidade, que o filho dela...

KGMF: Era época de... você que você era é diretora nessa época?

MMCN: Eu era diretora, mas eu tinha saído, quase saído, mas acontece que esse documento garantiu que... Porque eu saí mais vezes, mas o documento está lá, entendeu, para garantir. Porque o menino para ele se movia bobinho querendo colocar roupa de góticos, se achando e se envolvendo com coisas pesadas, não é? Tanto que ele estava tão drogado que ele foi para a linha do trem...

KGMF: ... e perdeu a vida...

MMCN: ... No dia do aniversário, não é? Aí eu fiquei sabendo muito tempo depois disso. Então, tinha uma preocupação com aluno. Olha eu chegava na escola, ficava andando subindo, descendo, conversando, falando... A papelada mesmo eu ia fazer depois que todo mundo embora. (?)

(problemas durante a gravação)

KGMF: Espera aí, que deu uma travadinha aqui. Vamos esperar só um pouquinho para ver se ele volta. Travou a sua imagem. Espera aí, vou ver se ele volta. Acho que alguma coisa da internet, talvez. Deixa eu ver... Você está me ouvindo?

MMCN: Estou.

KGMF: Ele travou acho que foi mais a imagem. Que eu queria... agora voltou. Eu acho que a gente pode, de repente, professora agora já partir para um recadinho para a Escola mesmo, não é? Porque essa gravação é justamente para deixar uma mensagem, uma lembrança sua, da sua atuação enquanto diretora da escola. Então que mensagem que você teria ali para deixar pra escola, não é?

MMCN: Eu queria deixar uma mensagem para o Centro Paula Souza, que infelizmente o Centro não dava e não dá o apoio necessário para as Escolas. Eu fui aluna de Escola Técnica, meu filho agora foi aluno de Escola Técnica, da Etec Mandaqui. Que sinceramente, nem a alimentação é adequada. Aqui na Etec Mandaqui é uma alimentação que vem congelada do interior, sei lá de onde, que acho que fica muito mais cara para chegar aqui. Porque se tivesse uma alimentação aqui decente para os alunos... Muitas vezes não tenho condições de comer aquilo. Eu sei que não é culpa da gestão da escola. A escola fundou o grêmio anos atrás, quando a minha sobrinha também estudou lá. Está terminando agora o curso de arquitetura

e o namorado dela de engenharia e já era impossível. Eles ligavam e fundaram um grêmio para tentar melhorar a escola. Então acho que assim, condições para a escola funcionar... APM hoje não tem condições de dar conta. O Centro Paula Souza tem dinheiro para dar conta. Valorizar mais seus profissionais, seus professores, seus gestores, que são pessoas realmente comprometidas, que na maioria das vezes tem outro emprego para se manter. Por amor continuam trabalhando, dando aula nas Escolas Técnicas para formar profissionais dignos de merecimento. Tanto que, atende a todas as classes sociais. Eu tenho a honra de dizer que: - eu fui aluna de Escola Técnica, e que graças a Deus estou aqui. Minha sobrinha, o namorado também super carentes, fizeram escola na Técnica e estão aí, terminando o curso superior e trabalhando já na área. O meu filho que não queria de jeito nenhum fazer escola técnica, que por conta da (?) ... eu queria que ele convivesse com todos os tipos de (...)

(Problemas durante a gravação)

KGMF: Professora, só mais um minutinho porque... Espera aí, espera aí, espera só um pouquinho que ele deu uma... ele está... a internet está meio falhando aqui. Espera só um pouquinho, vamos ver se ele volta. Você me ouve, não é?

(Problemas durante a gravação)

MMCN: Tranquilo. Porque às vezes ele tá dando... ele trava sua imagem aqui e aí a fala também dá uma travadinha. Vamos ver se ele volta. Em questão de alguns segundos. Agora voltou. Eu acho que é internet. Voltou.

KGMF: É que ele está meio picotadinho, mas voltou.

MMCN: Será que depois dá para ver?

KGMF: Não, dá para ver quando. Quando começa a fazer isso aí eu já falo: "Olha, espera um pouquinho", depois a gente dá uma editada. Mas acho que é na parte é da parte que você estava dando um recadinho ali final para a escola, que você estava falando da sua sobrinha e seu sobrinho é que começou a cortar um pouquinho. Da sua sobrinha e do namorado, não é?

MMCN: É, quem fez escola... o Ensino Médio na Escola Técnica aqui no Mandaqui também, na Etec Mandaqui, fez Administração. Porque ele não sabia o que fazer, não queria fazer

escola técnica. Eu falei: “Faz administração porque vai servir para a sua vida, ponto”; “Ah, mas mãe eu não quero não quero sair da (Escola) Imperatriz Leopoldina” - escola alemã. Falei “Não, você vai sair porque a mamãe não tem mais como pagar. Você vai passar no vestibular ou você vai estudar as escolas estaduais que tem aí que tem sessenta na fila, vai entrando e desistindo.” Ele passou bem, graças a Deus, fez o curso, se apaixonou pela escola. Saiu de lá chorando, tem uns amigos... (passou em?) 4 federais. Na UPS Pirassununga e está fazendo Engenharia de Alimentos.

KGMF: Olha, parabéns! Que legal!

MMCN: Com 17 anos, também.

KGMF: Super novinho, mas também super encaminhado, não é? Super encaminhado também, ele fez escola técnica, não é? Todos encaminhados na escola técnica.

MMCN: Então, ele fez escola técnica, fez um cursinho online lá. Eu não acreditava que ele ia passar na USP de jeito nenhum. Mas ele passou como primeiro aluno de escola pública no Mackenzie, ganhou bolsa. Passou em quatro federais, mas ele queria USP, aí ele passou na USP, entendeu? E está lá morando em Pirassununga numa república com mais 12 meninos.

KGMF: Aham, conheço, é Engenharia de Alimentos? A minha cunhada fez lá também, é superbom. Gostava muito!

MMCN: Então, eu quero dizer assim: que nós temos alunos, nós temos condições de promover todos esses alunos aí para seguir o seu destino. Mas a gente precisa da ajuda do Centro Paula Souza de verdade. Na política mais voltada... (?) profissionais... (?) (falha na gravação) trabalhando apenas por amor aos seus alunos. Aos profissionais que o colocarão no mercado.

MMCN: Você me perguntou qual foi o meu maior feito lá, que eu acho. Foi esse da gestão democrática, da minha convivência com os alunos eu não era tratada como a diretora, eu era tratada como a Margareth, que fazia a parte, que era uma ex-aluna como eles que estava ocupando a no naquele momento um papel de diretora. E eu senti que o grupo estava muito unido, quando eu citei o Paulo Renato lá atrás, mas acho que eu não citei e quando a gente foi para a porta do Centro Paula Souza, nós entregamos um documento. Nós escrevemos e mandamos também por Paulo Renato em Brasília para não acabar com o Ensino Técnico

Integrado, o Cacá foi junto, entendeu? E eu era uma diretora efetiva, mas sabe que lá é concurso, é registro em carteira, pode ser demitido. Eu não fui demitida, não levei nenhuma bronca e ainda recebi uma Declaração de Bons Trabalhos quando eu saí.

KGMF: Olha só, está vendo! Lutando pelo ensino, mesmo, não é? Lutando pela qualidade do ensino, não é?

MMCN: É “Obrigada pelos bons serviços prestados.” Aí, como eu havia... encerrando, não é? Como eu havia prestado o concurso de diretor em setembro, eu fui chamada para diretora, eu não aceitei na Prefeitura, porque eu não conseguiria ser diretora da prefeitura, tendo sido diretora de uma escola como Cacá.

KGMF: Ah, é? Marcou, assim é essa função?

MMCN: É, que a gente realmente fazia tudo junto, a escola faz prova, a escola faz licitação, a escola faz tudo. Então sistema do Centro Paula Souza nesse sentido é muito bom, muito bom mesmo. E aí eu fui chamada depois como coordenadora pedagógica, aí achei que tinha tudo a ver comigo, e aí eu aceitei também porque meu salário era muito baixo na Carlos de Campos. E aí eu tive que me despedir dos alunos e dos professores. Eu tinha feito uma gestão já e tinha sido referendada, estava acho que já na metade da outra gestão. Aí fiz uma carta, uma poesia de despedida, que eu devo ter guardado também uma cópia. Num papel lindo e maravilhoso, mandei fazer numa gráfica, entreguei uma cópia na mão de cada aluno e de cada professor, dizendo, resumindo agora aqui: “Nós acertamos, nós erramos e nós acertamos, mas o importante foram as sementes que nós jogamos e o caminho que andamos juntos.” Para que eles continuem sempre andando juntos. É isso que vale a pena. E a mensagem que eu quero dizer, que eu quero deixar essa: Que a gente consiga mesmo longe, o nosso pensamento sempre, sempre no coletivo. Que a gente sempre pense no outro, como a gente pode ajudar na nossa função, cada um na sua função. Como a gente pode ajudar, independente, de estar fisicamente ou não naquele local. Agora o Carlos de Campos e todas as pessoas que estavam, fundaram viveram, que estão lá e estarão no futuro sempre vão morar no meu coração. Porque eu amo, amo, amo, amo aquele lugar como eu sei que muitas pessoas amam também e sabem o que eu estou falando. É isso e muito obrigada mais uma vez por essa oportunidade.

KGMF: Eu que agradeço, Margareth, obrigada aí por... enfim pela paciência, por disponibilizar do seu horário para ceder essa entrevista. Agradeço muito em nome do enfim da Etec Carlos

de Campos, do Centro de Memória. A gente vai guardar com muito carinho aqui as suas palavras e enfim muito obrigada mesmo, está bom? Vou parar de espera aí, espera aí vou parar de gravar aqui.

Descritores

Educação Profissional
História Oral na Educação
Memórias do trabalho docente
História da Educação
Diretores
Gestão Educacional
Etec Carlos de Campos
Maria Margareth Campos Nogueira
Kelen Gracielle Magri Ferreira
Economia Doméstica
Etec Horácio Augusto da Silveira
Decoradora
Técnico em Decoração
Medicina
Faculdade de Belas Artes
Ensino Médio
Novo Ensino Médio
Ensino Técnico
Falta de professores
Química
Matemática
Rede Municipal de Ensino
Artes
Fundamental 1
Fundamental 2
Magistério
Contrato temporário
Bancária
Professor comissionado
Técnico em Edificações

Etec Mandaqui

Alimentação Escolar

Grêmio Estudantil

Interdisciplinaridade

Paulo Freire

Ensino Técnico Integrado

Dados Biográficos da Entrevistada



Maria Margareth Campos Nogueira é formada em Artes pela Faculdade de Belas Artes, leciona para o Fundamental 1. Trabalhou na Diretoria de Ensino unidade Jaçanã/ Tremembé durante a gestão da prefeita Luiza Erundina onde pôde fortalecer seus conhecimentos sobre gestão democrática. Exerceu a função de Diretora na Etec Carlos de Campos e buscou colocar em prática os conceitos de gestão pedagógica durante sua atuação. Posteriormente trabalhou como coordenadora pedagógica.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Kelen Gracielle Magri Ferreira nasceu em São Paulo/SP. Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (2004) e em História Pela Universidade Nove de Julho (2020). Graduação em Edifícios pela Fatec-SP (2003), especialização em Design de Interiores no SENAC-SP (2015), Curso Técnico em Edificações no Instituto Federal de SP (1998) e Curso Técnico em Design de Interiores na Etec Carlos de Campos (2005). Atualmente é professora de projeto na Etec Carlos de Campos (desde 2009) e arquiteta no Banco Itaú-Unibanco (2015). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas linhas de educação, com formação pedagógica pelo Centro Paula Souza (2016) e em gestão de projetos, com certificação PMI. Atualmente cursa Mestrado em Arquitetura,

Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/9647062280871723>

Anexos (documentos sigilosos e não público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Maria Margareth Campos Nogueira

Termo de Autorização para uso de Imagem de Maria Margareth Campos Nogueira